

*O fenômeno é universal, e já
causa grande preocupação no Brasil.
A derrubada dos velhos tabus prenuncia
uma era de decadência babilônica,
ou estaremos tentando descobrir
novos valores morais?*

Para Onde Vai a Sociedade “Vale-Tudo”?

Condensado de NEWSWEEK

OS VELHOS TABUS morreram ou estão morrendo. Toma forma uma nova sociedade, mais transigente, cujos contornos se definem principalmente nas artes: na crescente nudez e franqueza dos filmes de hoje, na linguagem crua e não raro obscena dos romances e das peças teatrais, no lirismo ingênuo das canções populares, na moda mais livre e na propaganda comercial cada vez mais ousada. E, atrás dessa transigência que se acentua nas artes, há uma sociedade em transição, uma sociedade que perdeu as suas convicções sobre problemas cruciais, tais como a castidade pré-matrimonial e o celibato dos sacerdotes; uma sociedade que não consegue chegar a um acôrdo sobre padrões de conduta, de linguagem e de boas maneiras e sobre o que pode ser visto e ouvido.

Às pessoas que pensam preocupa a rapidez com que as antigas restrições estão perdendo sua fôrça. Muitos psicólogos e sociólogos vêem nisso uma tendência perigosa para o hedonismo irresponsável e, em última análise, para a decadência social. Outros, no entanto, rejeitam a idéia de que a transigência seja um indício de colapso moral. Artistas e escritores recebem tudo isso, realmente, como a libertação de uma era vitoriana de repressão e hipocrisia. “Estamos apenas começando a descobrir o que vem a ser a moralidade”, diz o crítico de teatro Kenneth Tynan. “O que importa é como nos comportamos uns para com os outros e não o quanto exibimos do nosso corpo.”

De qualquer forma, a revolução nos costumes e na moral é bem real e, ao que tudo indica, irreversível.

“Teremos de viver com um grau de liberdade muito acima de tudo o que conhecemos no passado”, diz o Padre Walter J. Ong, um brilhante teólogo jesuíta e autor de *A Presença da Palavra*. “O homem não pode dizer simplesmente ‘vale tudo’, e esperar que não seja contestado. Teremos de empregar nossas inteligências e nossos padrões morais a fim de determinar o que vale e o que não vale. Teremos de rever constantemente a situação, porque essa estará sempre mudando.”

As coisas se transformaram mais dramaticamente no ano passado do que nos 50 anos precedentes. As platéias superlotaram os cinemas para assistir aos múltiplos orgasmos de uma jovem atriz sueca, raramente vestida, no filme *Eu, Uma Mulher*. O diretor italiano Michelangelo Antonioni rompe o tabu contra a nudez absoluta no filme *Blow-Up*. *Retrato de Jason*, uma notável incursão à alma retorcida de um negro prostituído, condensa em menos de duas horas tôda a linguagem e os aspectos crus da vida que encontram livre expressão nos filmes de hoje.

A literatura de grande sucesso popular, outrora relutantemente discreta, é clara e explícita em tudo o que se refere ao espectro sexual, do incesto à pederastia. *Os Aventureiros*, de Harold Robbins, e *O Exibicionista*, de Henry Sutton, usam uma linguagem antigamente reservada aos livros pornográficos, vendidos clandestinamente. E as obras de Henry

Miller e do Marquês de Sade trazem o que se costumava chamar de pornografia revoltante para os balcões das livrarias.

Na música popular, os Rolling Stones cantam *Vamos Passar a Noite Juntos*. Grupos de dançarinos da África e de São Francisco dançam nus em Nova York. Espetáculos de arte erótica atraem enormes multidões. “Estamos vivendo numa sociedade babilônica”, diz o historiador e jornalista Max Lerner. “Dá-se ênfase aos sentidos e à liberação da sensualidade. Os velhos códigos foram todos revogados.”

Até recentemente as fôrças mantenedoras da ordem moral—a Igreja, o govêrno, a família e a comunidade—ditavam o que podia e o que não podia ser feito em público. Mas essas instituições foram vencidas pelas exigências de uma sociedade de massa que deseja ver e ouvir tudo.

Nos Estados Unidos êsse processo se revelou dramaticamente ao minar a censura de filmes. Por volta de 1930, o temor às disposições governamentais levou Hollywood a criar o seu próprio e rigoroso Código de Produção, que desaprovava, por exemplo, uma cena de marido e mulher na cama. A Igreja Católica também controlava o conteúdo dos filmes através da sua Legião da Decência, cuja classificação C, isto é, condenado, podia barrar um filme em centenas de cinemas.

Depois da Segunda Guerra Mundial, duas grandes revisões foram feitas no código e a Legião da Decên-

cia (hoje Escritório Católico Nacional de Filmes) tornou-se mais liberal nos seus julgamentos. Mas é reduzido o poder dessas duas forças. Em 1967, vários filmes importantes exibidos nos Estados Unidos ignoraram a classificação C. O Padre John M. Culkin, diretor de comunicações na Universidade de Fordham, diz: "Agora os meios de comunicação alcançam o público diretamente. Os moralistas ficaram tão desvinculados da realidade, esbravejaram tanto que depois de algum tempo ninguém mais os ouviu."

Embora a Igreja continue a ser o mais poderoso elemento de restrição moral, seus porta-vozes já não lutam para suprimir a nova franqueza, e sim para assumirem êles próprios uma atitude mais flexível.

Em todo caso, nenhuma atitude da Igreja ou do Estado poderá impedir o avanço da sociedade tolerante. A pergunta crucial é, portanto, a seguinte: para onde nos está levando a nova transigência—para algum novo sistema moral ou simplesmente para a progressiva eliminação de qualquer freio social? Alguns críticos pensam que essa transigência não está levando a nada; é apenas uma oscilação a mais no pêndulo da História. A maioria dos sociólogos, porém, acredita que o homem ainda exerce um contrôle essencial sobre seu futuro. Vêm a derrubada dos velhos códigos não como o início de um declínio moral, mas como ponto de partida para uma busca de novos valores: "Creio que é bom ter uma

sociedade expressiva, livre e cheia de imaginação", diz Max Lerner. "Mas não é bastante derrubar coisas pré-estabelecidas. Novos valores têm de ser encontrados e creio que os jovens estão procurando encontrar êsses valores."

É óbvio que a libertação do puritanismo e da hipocrisia impõe novas responsabilidades, ao mesmo tempo que abre novos caminhos. O Padre Ong diz: "Os indivíduos terão de fortalecer seus próprios princípios morais. Não poderão fazer voltar atrás a corrente da tolerância, mas poderão indicar os limites racionais. E terão de tomar posição."

A sociedade tolerante é, portanto, uma experiência coletiva em que se defrontam os filmes honestos e os indignos, os livros vulgares e os sérios, as peças teatrais de profunda reflexão e as apenas pornográficas, admitindo-se tudo com a fé implícita de que a nova liberdade há de finalmente humanizar e aperfeiçoar, e não corromper. Se essa fé há de revelar-se justificada e válida, depende do próprio homem. "É o homem em essência um ser hedonístico, amante do prazer, indulgente consigo mesmo?", pergunta o teólogo luterano Martin E. Marty. "Ou será êle essencialmente uma criatura dotada de decisão, orientada para o trabalho e capaz de altruísmo? Ainda não o sabemos."

O que está acontecendo na atual sociedade tolerante percorrerá ainda um longo caminho até que isto nos seja revelado.